

10ª LIÇÃO

CRIAÇÃO VS. EVOLUÇÃO – [PARTE II]

A BÍBLIA DEIXA LUGAR PARA A EVOLUÇÃO?

Vamos enfrentá-la. É uma ideia impopular na ciência sugerir que Deus criou o Universo. E é ainda mais impopular sugerir que Ele o fez em seis dias literais de 24 horas. Depois de tudo, de acordo com muitos cientistas, o Universo levou bilhões de anos para formar-se, e por isso, em seu ponto de vista seria ridículo crer que este foi criado só em seis dias. Como resultado da intimidação da pressão científica, e por causa da ideia prevalecente de um Cosmos antigo, muita gente tem tratado de encontrar maneiras para calçar a evolução e seu quadro de tempo de bilhões de anos no relato bíblico da criação. Em essência, eles querem continuar dizendo que crêem em Deus e na Bíblia como Sua Palavra, mas também querem dizer que eles também crêem em certas porções da teoria evolutiva. Como o velho ditado diz, eles querem “ter o seu pastel e também comê-lo”. Portanto, surge a pergunta: Podem tanto a Bíblia e a evolução ser verdadeiras? [A definição padrão do livro de texto da evolução, exclui a Deus desde que esta declara que: **(a)** o Universo é auto-contido (e por isso não pode ter sido criado por alguma força externa; e **(b)** a evolução em si mesma é um processo natural por completo. Portanto, aqueles que clamam crer na evolução tanto como na Bíblia, geralmente são conhecidos como “evolucionistas teístas”. A evolução teísta (que se deriva de *theos*, a palavra grega para Deus) é o ponto de vista que sugere que Deus começou o processo e logo deixou a evolução tomar o controle desde ali.

Os dois primeiros capítulos da Bíblia revelam como Deus – em seis dias – criou os céus, a Terra, e todos os animais, plantas, e seres humanos que existem. Êxodo 20:11 o conta assim: “**Porque em seis dias fez Jeová os céus e a terra, o mar e todas as coisas que neles há, e descansou no sétimo dia**”. A Bíblia claramente declara que **tudo** no Universo, seja no céu ou na Terra, foi criado nesses seis dias. E é aqui onde a Bíblia e a evolução enfrentam o seu primeiro conflito maior. A evolução clama que todo o Universo chegou à existência por um processo gradual e lento que tomou bilhões de anos; a Bíblia declara que tomou só seis dias. Obviamente, ambos os conceitos não podem ser verdadeiros.

Para acomodar a Bíblia ao sistema da evolução, de alguma forma, os bilhões de anos devem ser inseridos no registo bíblico. Mas onde, exactamente pode esta vasta quantidade de tempo ser posta para garantir tal antiguidade? Existem somente três opções possíveis; **(a)** antes da semana da criação; **(b)** durante a semana da criação; **(c)** depois da semana da criação. Vamos explorar cada uma destas opções.

O Tempo Antes da Semana da Criação

A Teoria da Brecha

Aqueles que tentam colocar os bilhões de anos necessários para a evolução **antes** da semana da criação, geralmente defendem o que veio a ser conhecido como a Teoria de Brecha. Esta teoria sugere que uma “brecha” imensa de tempo (de bilhões de anos) deveria ser inserida entre Génesis 1:1 e Génesis 1:2. Durante este tempo, supostamente, Deus criou uma Terra completamente funcional com animais, plantas, e mesmo seres humanos que viviam antes de Adão. A teoria sugere que essa criação foi destruída como resultado da rebelião fomentada na Terra por Satanás. A batalha violenta entre Satanás e Deus, supostamente deixou esse planeta “desordenado e vazio” (Génesis 1:2), o qual se afirma que é a explicação pela miríade de fósseis presentes na Terra. Então, começando em Génesis, Deus “recriou” (ou “restaurou”) a Terra em seis dias literais de 24 horas. Por conseguinte, Génesis 1 é a história de uma criação original e perfeita, um juízo e ruína (a Terra em seu estado “desordenado e vazio”), e uma recriação.

Embora à primeira vista isto possa parecer uma teoria sedutora, não pode possivelmente ser verdadeira se o registo bíblico é tomado em valor nominal.

Primeiro, a Teoria de Brecha contradiz flagrantemente Êxodo 20:11: **“Porque em seis dias fez Deus os céus e a terra, e o mar, e todas as coisas que nele há, e repousou no sétimo dia.”** Se Deus fez **tudo** em seis dias, quantas coisas fez antes desses dias? A resposta, desde logo, é nenhuma.

Segundo, não há evidência bíblica em absoluto para sustentar a afirmação de que a rebelião de Satanás tomou lugar na Terra. A ideia de um assim chamado cataclismo que destruiu a Terra inicial, não é sustentada por uma apelação à Escritura, mas de contrário, é um conceito que foi imposto à Escritura de fontes externas por aqueles que intentam defender a necessidade e validade da Teoria da Brecha.

Finalmente, a Teoria da Brecha é falsa porque implica que os seres humanos morreram antes de Adão e Eva. O inspirado apóstolo Paulo observou que a morte entrou neste mundo como um resultado do pecado de Adão (1 Coríntios 15:21; Romanos 5:12; 8:20-22). Paulo também declarou que Adão foi o primeiro homem (1 Coríntios 15:45). Além disso, se a Teoria da Brecha é correcta, existiu ali um conjunto de gente pecaminosa que viveu muitos anos antes de Adão. Adicionalmente, Moisés registou em Génesis 1:31 que tudo o que Deus tinha criado foi “**bom em grande maneira**” – uma interpretação muito forçada se é que a Terra e seus habitantes já tinham sido destruídos. O certo é que tanto Paulo e a Teoria de Brecha não podem estar no correcto.

Não obstante, uma palavra de advertência é requerida aqui. Em seus intentos para se opor à evolução e expor os argumentos a favor do relato bíblico das origens, alguns criacionistas (os quais sem dúvida têm boas intenções) têm mal interpretado, e por isso aplicado mal, os ensinamentos de duas passagens importantes do Novo Testamento. O primeiro dessas passagens é Romanos 5:12-14.

Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim, também, a morte passou a todos os homens, porquanto todos pecaram. Porque, até à lei, estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado, não havendo lei. Não obstante, a morte reinou desde Adão até Moisés, mesmo nos que não pecaram à maneira da transgressão de Adão, o qual é figura do que havia de vir.

A segunda passagem é 1 Coríntios 15:20-22:

Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos; primícias dos que dormem é feito. Porque porquanto a morte entrou por um homem, também por um homem a ressurreição dos mortos. Porque assim como Adão todos morreram, também em Cristo todos serão vivificados.

As porções nestes dois versículos sublinhados, que são enfatizados por alguns criacionistas, fazem finca-pé ao facto de que **a morte entrou ao mundo como resultado do pecado do homem**. Portanto, o argumento em marcha é como segue. A teoria

da Brecha sugere que houve milhões de anos de casualidade, contingência, perda incrível, **morte**, dor, e horror depois da criação inicial de Deus. Não obstante, a Bíblia declara muito especificamente, que a morte humana não existiu até que Adão e Eva pecaram contra Deus. Portanto, o panorama dos teóricos é impossível, já que requer a morte de inumeráveis milhares de espécies de plantas, animais e seres humanos.

Mas é correcto dizer que não houve **absolutamente nenhuma morte de alguma espécie** anterior ao pecado de Adão e Eva? Não, não o é. Mesmo dizer que não houve morte humana anterior à queda do homem é fazer um perfeito enunciado bíblico. As passagens em Romanos 5 e 1 Coríntios 15, o fazem muito claro. Não obstante, usar essas mesmas escrituras para sugerir que nem inclusivamente plantas e animais podiam morrer, ignora o contexto específico de cada passagem e é um sério abuso do texto sob consideração. A passagem de Paulo em Romanos 5:12-14 e 1 Coríntios 15:20-22 não tem nada que ver em absoluto com a morte de plantas ou animais. Dizendo melhor, uma análise das duas passagens revela que, **no contexto**, ele esteve tratando **somente da morte dos seres humanos** – uma morte que resultou dos eventos trágicos que ocorreram no Jardim do Éden depois que Adão e Eva pecaram voluntariamente.

O Tempo Durante a Semana da Criação

A Teoria da Duração do Dia

Por causa da falha deprimente da Teoria da Brecha para prover um meio adequado para incluir os bilhões de anos no registo de Génesis, alguns têm sugerido que talvez os dias indicados em Génesis 1 não foi um período de 24 horas, mas pelo contrário foi muito tempo durante o qual a evolução pode ter tomado lugar (um conceito conhecido como a Teoria da Duração do Dia). Depois de tudo, se nos diz que a palavra traduzida como “dia” em Génesis pode ter mais de sete significados diferente, e em ocasiões raras, mesmo pode referir-se a grandes períodos de tempo. Por conseguinte, segundo os defensores da Teoria da Duração do dia, a semana da criação foi de sete períodos largos de tempo que consistiu de milhões ou bilhões de anos cada um. É este o caso? Quão largos foram os dias da criação realmente?

Uma leitura simples do texto em Génesis 1 indica que Moisés queria que os seus leitores entendessem, em termos não vagos, que os seis dias da criação foram períodos de 24 horas literais. A evidência disponível revela várias razões, pelas que podem saber que esses dias não foram milhões ou bilhões de anos, mas pelo

contrário, foram aproximadamente a mesma classe de dias que experimentamos actualmente.

Primeiro, quando quer que a palavra hebraica traduzida como “dia” (*yom*) é precedida por um numeral (numa passagem não profética como Génesis 1), **sempre** leva o significado de um dia de 24 horas.

Segundo, quando quer que a palavra “dia” apareça na forma plural (*Yamim*) na literatura não profética, **sempre** significa um dia literal. De facto, o Antigo Testamento usa *yamim* nesta maneira mais de 700 vezes, e sempre significa um dia literal em seu uso não profético. Portanto, quando Êxodo 20:11 declara: “**Porque em seis dias** (*yamim*) **fez Deus os céus e a terra**”, não pode absolutamente duvidar que o texto quer dizer seis dias literais.

Terceiro, *yom* é tanto usada e definida em Génesis 1:5. “**E chamou Deus à luz Dia, e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã um dia**”. A palavra *yom* acompanha a palavra “tarde” e “manhã” mais de 100 vezes em passagens não proféticas no Antigo Testamento, em cada caso faz referência a um dia óbvio de 24 horas.

Quarto, se os “dias” de Génesis não foram dias em absoluto, mas largos períodos geológicos, então surge um problema de consequências não pequenas no campo da botânica. As plantas começaram a existir ao terceiro dia (Génesis 1:9-13). Se os dias de Génesis 1 foram largos períodos geológicos, como sobreviveu a flora milhões de anos de total obscuridade? Também, como as plantas que dependem de insectos para a polinização terão sobrevivido aos supostos milhões ou biliões de anos entre o “dia” três e o “dia” cinco (quando os insectos foram criados)?

Quinto, quando Jesus esteve na Terra, Ele ensinou que o homem e a mulher estiveram aqui “desde o princípio da criação” (Marcos 10:6; Mateus 19:4). Paulo afirmou este mesmo sentimento em Romanos 1:20-21, onde ele declarou que o homem e a mulher têm estado aqui “desde o princípio da criação” quando eles “perceberam as coisas que foram feitas”. A Teoria da Duração do dia, por outro lado, coloca o homem ao final de biliões de anos de tempo geológico. Ambos não podem ser verdadeiros!

Sexto, em Génesis 1:14, Moisés declarou referente ao Sol, a Lua e as estrelas: “**Disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos.**” Se os “dias” fossem milhões ou biliões de anos, então, diga-me por favor, que haveria sido os anos?

Finalmente necessitamos fazer a pergunta: Se Deus tivesse querido que nós soubéssemos que Ele criou o mundo em seis dias literais, que outras palavras poderiam ter usado que as que usou? Ou se nós quiséssemos explicar a alguém mais, que Deus criou tudo em seis dias literais, que palavras usaríamos? A resposta, desde logo, é que, tanto Deus e nós usaríamos as palavras exactas que aparecem em Génesis 1. O autor de Génesis tinha outras formas de dizer que os períodos foram de muito tempo. Ele pode ter usado a palavra hebraica *dor*, que significa um período largo de tempo. Mas ele não o fez; sem dúvida usou a palavra *dia*, modificado com a frase “tarde e manhã”, pôs numerais antes desta, e em Êxodo 20:11 o fez no plural. Ele usou praticamente todo o meio à sua disposição para mostrar que os dias não foram largos períodos de tempo mas períodos literais de 24 horas. Por conseguinte, a ideia de que os biliões de anos necessitados para a evolução ocorrerem durante a semana da criação não pode ser defendida. Você pode confiar na sua Bíblia quando esta regista: **“Porque em seis dias [não seis biliões de anos – BT/EL] fez Deus os céus e a terra, o mar, e todas as coisas que neles há, e repousou no sétimo dia”** (Êxodo 20:11).

Mas que indica 2 Pedro 3:8? Não indica que **“para com o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos como um dia”**? Não está ensinando esta passagem do Novo Testamento que os dias de Génesis puderam ter sido períodos largos de tempo? Não, não o faz. Vamos considerar esta passagem no seu contexto apropriado. Em 2 Pedro 3:8, o tratado do apóstolo não tem nada que ver com o período dos dias em Génesis 1. Pelo contrário, ele está falando dos “últimos dias” (3:3; isto é, a dispensa cristã) e a segunda vinda de Cristo. Alguns, disse Pedro, sugeririam que já que Cristo todavia não tinha regressado, então, Ele não ia regressar –nunca! Mas Pedro recordou aos leitores que Deus não está limitado pelo tempo. Ele pode fazer mais num dia do que os humanos podem fazer em mil anos, ou, vice-versa, Ele pode esperar mil anos para fazer o que os seres humanos desejam que Ele faria num dia. Sem dúvida, Deus mantém as Suas promessas (3:9). É interessante notar, da leitura do texto, que Deus reconhece a diferença entre um dia terreno e mil anos terrenos. É também interessante notar que Pedro não disse que um dia são mil anos ou que mil anos são um dia, mas que um dia é **“como”** mil anos e que mil anos são **“como”** um dia. Deus sempre reconheceu a diferença entre um dia, um mês, e um ano terreno. 2 Pedro 3:8 prova que Ele pode transmitir a diferença aos seres humanos. O que disse Ele que os períodos de tempo em Génesis foram? Dias!

Depois da Semana da Criação

Nós temos visto que o tempo necessário para que a evolução tome lugar, não pode ser colocado antes da semana da criação, já que a Bíblia diz que Deus criou tudo em seis dias. Também vimos que a vasta quantidade de tempo não pode ser colocada **durante** os seis dias da criação já que estes foram períodos literais de 24 horas. O único lugar possível deixado para o muito tempo, então, é **depois** da semana da criação.

Aqueles que desejam colocar os bilhões de anos necessitados para acomodar a geologia evolutiva **depois** da semana da criação, são poucos e muito distantes, já que a Bíblia contém genealogias extensas e prolongadas até Adão. E uma das mensagens daquelas genealogias é que o **homem tem estado na Terra desde o começo, e que esse começo não foi até muito tempo atrás.**

Num sentido, a Bíblia nos diz exactamente quão antiga é a Terra. Em Marcos 10:6, Jesus declarou que **“ao princípio da criação, varão e mulher os fez Deus”**. Quanto tempo têm estado os seres humanos nesta Terra? Jesus disse “desde o princípio da criação”. Génesis 1:26-31 explica que Deus escolheu o sexto dia da semana da criação para formar a humanidade do povo da terra. Ele escolheu o primeiro dia para construir a Terra. Por isso a Terra é cinco dias mais antiga que a humanidade!

Portanto, para determinar a idade da Terra, devemos determinar quanto tempo o homem tem estado aqui – o qual não é difícil como pode parecer. Falando em números redondos, quanto tempo faz que Jesus Cristo visitou a Terra? Resposta: à volta de 2.000 anos. A história secular oferece essa peça de informação por meio de sua designação por meio de sua designação de datas como “A D.” (isto é, ano Domini, que significa “no ano do Senhor” referindo frequentemente como d.C. – depois de Cristo). Segundo, devemos determinar quantos anos há entre Jesus Cristo e Abraão. Afortunadamente, a história secular também oferece essa data, a qual resulta ser à volta de 2.000 anos. Estas duas datas podem se obtidas de praticamente qualquer livro secular de história.

A cifra final que devemos cobrir é o número de anos entre Abraão e Adão. Uma vez que saibamos esta data, uma soma simples dos três, nos dará a idade aproximada da Terra. Sem dúvida, note que a data que representa o período entre Abraão e Adão, não pode ser obtido da história secular (nem esperamos que o seja!), já que o Grande Dilúvio durante o tempo de Noé destruiu a

maioria, ou todo o registo pertencente a esse período. Então, como pode ser obtida a informação?

Em Lucas 3 o médico/escritor listou 55 gerações entre Jesus e Abraão – um quadro de tempo arqueológico que tem sido determinado ser aproximadamente 2.000 anos. No mesmo capítulo, Lucas documentou que houve somente 20 gerações entre Abraão e Adão. Mas quanto tempo total cobre essas 20 gerações? Já que Génesis 5 e 11 listam as idades dos pais ao tempo do nascimento de seus filhos entre Abraão e Adão, é um simples assunto de calcular o aproximado de números de anos implicados – um dado que resulta ser à volta de 2.000 anos. Em uma tabela a informação aparece como segue:

1. Do tempo presente até Jesus	2.000 anos
2. De Jesus até Abraão	2.000 anos (55 gerações)
3. De Abraão até Adão	2.000 anos (20 gerações)

O facto de que 55 gerações entre Jesus e Abraão cobrem 2.000 anos, enquanto somente 20 gerações entre Abraão e Adão cobrem a mesma quantidade de tempo, é explicado muito facilmente no fundamento das idades vastas dos patriarcas (como Matusalém, por exemplo, o qual viveu 969 anos).

Alguns têm argumentado que as genealogias em Génesis 5 não podem ser usadas para demonstrar a idade aproximada da Terra já que estas são enigmas com imensos intervalos. Mas em Judas 14, o escritor notou que Enoc foi “o sétimo desde Adão” (ele é listado exactamente como o sétimo em Génesis 5:21). Portanto, nós sabemos que não há intervalos entre os primeiros sete patriarcas, já que Judas confirmou a certeza do Antigo Testamento neste assunto. Isso deixa somente 13 gerações com intervalos potenciais entre eles. Mas para acomodar o panorama evolutivo que sugere que o homem tem estado na Terra (numa forma ou outra) aproximadamente 3.5 milhões de anos, você necessita incluir mais 290.000 anos entre **cada** uma das 13 gerações. Não toma muito conhecimento bíblico o sentido comum para ver que isto rapidamente chega a ser absurdo. Quem acreditaria que as primeiras sete destas gerações são tão exactas, enquanto que as

13 restantes contêm “intervalos” de mais de um quarto de milhões de anos? Que tipo de exegese bíblica é essa?

Embora possa ser certo por um lado o dizer que uma idade **exacta** da Terra é impossível de determinar da informação contida nas genealogias, ao mesmo tempo é importante notar que – quando a melhor informação disponível para nós da Escritura – as genealogias nunca podem ser prolongadas a algo mais além de 6.000 a 7.000 anos. O facto de que alguém suponha que as genealogias não contêm informação cronológica legítima, ou que as genealogias de alguma maneira estão tão cheias de intervalos como para dar-lhes uso, é tergiversar o assunto e distorcer os factos.

CONCLUSÃO

Numerosas teorias têm sido inventadas para permitir às pessoas o crer na evolução e todavia manter uma crença na Bíblia como a Palavra de Deus. Não obstante, logo chega a ser claro que a Bíblia é verdadeira ou a evolução é verdadeira, mas ambas não podem ser verdadeiras já que os seus ensinamentos são contraditórios. Uma pessoa não pode crer tanto na Bíblia como na evolução e permanecer consistente. Esta é uma decisão de “uma...ou outra”, não de “ambas...e outras”. As teorias científicas mudam, mas “**a Palavra do Senhor permanece para sempre**” (1 Pedro 1:25).

&&&&&&&